

A descoberta do mundo depois da Copa de 1994

Tatiana Pequeno



É autora dos livros de poesia *Aceno* (2014) e *Réplica das urtigas* (2009). Professora de Literaturas Portuguesa e Africanas da UFF – Niterói/RJ. Doutora em Vernáculos pela UFRJ, com tese sobre Maria Gabriela Llansol.

Tijucana e “lusitana” que é, de longe (e de perto), ela torce pelo

Vasco, clube que homenageia o descobridor do caminho marítimo para as Índias, Vasco da Gama (1469-1524), nascido em Sines, mesma cidade de Al Berto, poeta marcante na trajetória acadêmica e literária da autora.

Ao escrever poesia, Tatiana Pequeno reflete muito a respeito da própria escrita e da vida contemporânea, “a poesia é apenas um modo particular de enfrentar o mundo, de através de um universo microscópico estar à deriva com tantos outros”, diz no derradeiro texto de *Aceno*.

Aqui, com o humor e a sensibilidade de quem é afetada pela cidade, por meio da inscrição pichada perto da rodoviária do Rio – “vitória consagrada do Jorginho” –, a autora mostra o futebol a partir de seu modo singular de nomear o mundo – “nós, as meninas, em 1994”.

deve ter uns vinte anos que passo
naquele viaduto e leio há tempos
perto da rodoviária na Leopoldina
a mesma frase que diz comovida

vitória consagrada do Jorginho

creio ter a ver com a conquista
brasileira na copa de 1994 e de como
o jogador chamado Jorginho, grande
lateral direito, superou o descrédito a
desconfiança e a insegurança que
vinham de uma seleção burocrática
no maior torneio eliminatório das Américas
para os meus olhos bastante adolescentes
de uma década de longo tempo sem gols.

não sei bem porque a frase permanece lá
depois de tanto sol tantas obras tanto pó
ainda

só consigo pensar no gesto de alguém
um homem

comprando pincel e tinta branca e indo
escrever no concreto uma declaração
pública de identificação íntima com o
jogo e a superação daquele Jorginho
que, ao mesmo tempo, compunha parte
das figurinhas que tive no álbum da
campanha futebolística de 1994 embora
de minha parte houvesse mesmo um

encanto pelo Ricardo Rocha, zagueiro
espiritual de verve vascaína e nordestina
que conheci por ter irmã de maiô
competitivo preto e branco, ginasta
daquele clube onde tudo o que consegui
foi um autógrafo do Capitão que coleí em
meu caderno verde e amarelo de poemas.

nós, as meninas, em 1994, queríamos
falar dos jogos, do nervosismo do Dunga
mas a mim, na oitava série, diziam era que
jamais me casaria com Leonardo, aquele
que foi expulso no jogo contra os americanos
por ter acertado uma pontiaguda cotovelada.

lembro-me da vitória consagradora do Jorginho
e sei que após os jogos esta frase fazia sempre
muito sentido no tempo que se seguiu e penso
que tenha a ver com a adversidade que soube
anos depois a caminho da faculdade na ilha
distante do Fundão onde sempre terminar
alguma coisa tinha a ver com vencer e ganhar
realmente uma outra sensibilidade com isso.

fato é que o tempo já se faz há muito e
como de fato não me casei com o Leonardo
pois para mim as mulheres talvez tenham sido
mais sensíveis e conversadoras que conservadores
(por que diabos os meninos me interditavam
fosse o Branco, o Jorginho ou o Leonardo?)

e assim, a verdade é que jamais fui muito de
jogos – além de nunca ter ido adiante com o vôlei no
Bonsucesso Futebol Clube – entendi que mais
que conhecer o Jorginho, queria mesmo era
saber do autor do piche, conhecer o motivo
da sua inscrição, reconhecê-lo como sujeito
não de uma ajuda mas de uma suspeita que
por mais de vinte anos perdurou pela consagração
de um personagem que ao vencer
nos salva a ponto de agradecermos por meio
de uma escrita algo como obrigado, Jorginho
pelo seu jogo, e dito isso fica claro que
nele me identifico porque sei que preciso
vencer este concreto porque sei que preciso
passar esta linha vermelha porque
sei que preciso aprender a jogar a bola porque
um dia pensei que um livro fosse para escrever
sobre
essa vitória consagradora mas aqui
nesta época sem caderno verde-amarelo sem
editora sem o dinheiro do Jorginho sem bolas
não foi
não fui
não consegui.

* * *

Rio de Janeiro, 2015.
para o Gustavo.